Bem-Te-Vi



Novembro de 1937



Sorvete das Nuvens



Carlota e Durvalina estavam em visita na casa do tio Umberto. Era o dia de anos de Carlota.

— Seu bolo de aniversario está pronto, disse a titia Gertrudes. De tarde vocês podem ir à cidade com o tio Umberto, buscar gelo para fazer o sorvete.

Carlota bateu palmas.

— Que bom ! Eu sou louquinha por bolo e sorvete! exclamou a menina.

— Vamos ver se achamos uns morangos para enfeitar o sorvete, lembrou Durvalina.

Cada menina pegou uma caneca e correu ao pomar. De lá podiam ver o tio, no campo, cortando pés de alface. Carlota agitou-lhe a mão e disse para Durvalina :

— Titio vai gostar dos morangos no sorvete.

Procurando bem, elas conseguiram encher as duas canecas com morangos. Tio Umberto ficou admirado com a colheita que as meninas fizeram, porque já não era mais tempo de morangos.

— São para pôr no sorvete, explicou Carlota.

— Viva ! disse tio Umberto.

Mas êle parecia preocupado. Depois da merenda, Carlota perguntou :

— Vamos agora à cidade buscar o gelo para o sorvete, tio Umberto ?

Tio Umberto foi até a porta e olhou para o céu.

— Vocês ficariam muito tristes se não fossemos hoje ? perguntou. Estou vendo que vamos ter chuva grossa. Se ela cair antes de eu recolher a alface, coitado do meu trabalho — todo perdido !

Carlota ficou um instante calada, tal o seu desaponto. Adeus sorvete no dia de anos ! Então ela pensou :

"Mas ele prometeu levar-nos. Eu vou dizer isso e titio não terá outro remedio senão ir. Vou mesmo !"

Carlota olhou para tio Umberto e depois para os montículos de alface, no campo. Pensou então como o titio ia ficar aborrecido se tudo aquilo ficasse estragado. Assim, engulindo as lágrimas, disse :

— Não faz diferença deixar o sorvete para outro dia.

A tarde pareceu muito longa. O calor era sufocante. Não dava gosto brincar. As meninas viram por fim o tio Umberto, que voltava para casa, esfalfado.

— Vamos encontrá-lo, propôs Durvalina.

Elas foram correndo pela estrada, mas, de repente, começou a chuva. Veiu em gotas grandes, com força por causa do vento. As meninas dispararam para o rancho. Tio Umberto tocou os burros e chegou ali logo depois. Então começou um barulhão no telhado. Era uma chuva de pedras. Bolinhas brancas atapetaram o chão. Carlota ficou com medo.

— E agora, tio Umberto ? balbuciou a menina.

Tio Umberto segurou-lhe a mão e disse:

— O que tem isso ? Não acha bonita essa chuva de pedra ? Que sorte a estas horas já estar recolhida minha alface ! Havia de ficar toda estragada com os granizos.

Ele olhou para os montes de pedrinhas e então exclamou :

— Ora viva ! Podemos fazer o sorvete com essas pedrinhas ! Elas são de gelo, como vocês sabem, formado por camadas de ar frio. Vejam — a chuva parou ! Vamos ajuntar um balde de pedrinhas e levar para casa.

Foi muito divertido apanhar os granizos. Tia Gertrudes, que já tinha aprontado tudo, pôs o gelo na sorveteira e foi virando a manivela. Dentro em pouco o sorvete estava duro. E que delicia, gelado com as pedras de granizo ! Carlota nunca tinha provado sorvete tão bom.

Rindo-se ela observou :

— Eu acho que o meu sorvete de dia de anos caiu das nuvens, não, tio Umberto ?

— Como não ! As nuvens fizeram a sua parte, respondeu tio Umberto.

Bem-Te-Vi

Matriculado conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934.

ANO XV N.º 11 REVISTA MENSAL

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 117

ASSINATURAS
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: Nancy R. Holt
Adelina de Cerqueira Leite
Desenhista: Celia Rocha Braga

São Paulo, Novembro de 1937

Gerente responsavel:
Servulo C. Sant'Anna
Sub-Gerente: Fernando Buonaduce

Cora e as Carriças



Cora pulava pelo caminho de pedregulho que levava à casa da vóvó. Chegando ao lugar em que se divisava a casinhola cinzenta, parou surpreendida.

Não que a casinhola, mergulhada entre grandes arvores verdes, tivesse alguma coisa diferente. Era a casa nova, no outro lado da estrada, que estava atraindo sua atenção.

— Que é isso? disse a menina, ofegante. A ultima vez que eu vi esta casa havia aqui só pilastras, como as da Ponte Grande. Agora já está prontinha, e que beleza!

As paredes eram de cor amarelo claro, listadas de branco, e o telhado, verde. Cora observou que toda ela reluzia como sapatos novos.

— Ah, eu queria que a vóvó—, a menina principiou em voz alta.

Voltando-se para a casinhola cinzenta, Cora viu as cortinas brancas, tremulantes, perto das quais a vóvó se sentava muitas vezes, em uma cadeira de balanço. Olhou as plantas verdes margeando o caminho que levava à porta, e lembrou-se do ninho do pequeno passaro amarelo que vira no ultimo verão. Pertinho ficava a roseira que tinha aqueles botõezinhos mimosos e, atrás, a ameixeira grande onde vôvô pendurára uma casinha cinzenta para as carriças morarem.

Não se podia vêr dali o balanço grande que costumava ergue-la até quasi o céu.

Cora sorriu e continuou a pular pelo caminho. Ora, afinal de contas, era bom que os avós moravam na casinhola cinzenta e não na casa nova, reluzente, do outro lado da estrada.

— As crianças já vieram? ela perguntou ao avô, no jardim.

— Ainda não as vi, nem ouvi um pio sequer do Snr. e da Snra. Carriças, declarou o vôvô.

Cora escutou. Os pardais estavam tagarelando na cerca e um pintassilgo ensaiava uns trilados, pousado no ramo baixo da ameixeira. Uma outra melodia fez a menina correr para o interior da casa. Era a vóvó,



cantando na sua cadeira de balanço, perto da janela.

Mais tarde, quando Cora estava brincando na varanda, em frente da casinhóla cinzenta, olhou para a estrada e descobriu uma coisa que não tinha visto antes : uma casa de passarinhos, verde clara, a um lado da linda residencia nova.

Quasi ao mesmo tempo um casalzinho que andava à procura de casa examinou aquela pequena habitação verde.

— São o Snr. Carriça e sua esposa, concluiu Cora, ao avistar os passarinhos côr de terra, erguendo com petulancia as caudas compridas.

Ela se aproximou para ver melhor.

O casal descrevia circulos em volta da casa de passarinhos, para conhecê-la de todos os lados. Então o Snr. Carriça empoleirou-se em um varal de roupa e pipilou uma canção pequenina, que talvez quisésse dizer :

— Vou dá-la para você, meu bem.

Em todo caso, era D. Carriça que parecia estar considerando as vantagens da nova residencia.

— Tem bom tamanho, tem bom tamanho, trilou a pequenina e faceira dona de casa, esvoaçando perto da porta.

Ali não havia perigo de brigas com os passaros grandes que gostam de mandar na vida dos pequenos.

A Snra. Carriça pousou no minusculo degráu, em frente da porta. Voou longe e voltou outra vez, como para ver se era de facil acesso aquela entrada.

Se Cora tivesse esperado mais, teria ouvido alguns chilros animados entre as carriças, que concordaram em não se incomodar com o cheiro de tinta fresca da pintura da casa, já que em tudo mais ela era tão agradavel. Mas a menina fôra correndo pela estrada para contar aos avós os seus receios. E se o casal Carriça preferisse a casa de passarinhos, nova, à velha casa cinzenta, na ameixeira?

No jantar o vôvô de repente ergueu o dedo e disse :

— Psiu ! eu estou ouvindo um canto claro, que brota cheio de felicidade.

— As carriças ! gritou Cora, correndo para a janela, seguida do vôvô e da vóvó. Afastaram a cortina e olharam para fóra.

As carriças estavam trilando alegremente na ameixeira. Em certo momento o Snr. Carriça voou ao chão, à procura de um pauzinho seco, e carregou-o para a casa cinzenta. A Snra. Carriça seguiu-o com outro pauzinho. Para lá e para cá voavam os dois, carregando material para fazer o ninho.

— Então, arriscou o vôvô, isto quer dizer que as carriças preferiram esta casa à outra, tão bonita.

— Eu sei porque, sorriu Córa, satisfeita. Eles tambem sabem que este lugar é mesmo muito bom para a gente viver.

Fazendo camaradagem com os passaros



Muitos pássaros gostam de construir seus ninhos em caixas ou casas. Faça uma casa de uma pequena caixa de madeira, ou de uma lata de café. Pendura-se a casa do pássaro num lugar quieto e seguro.

Outros passaros gostam dos amiguinhos que jogam fóra fios, pedacinhos de pano, algodão e papel, pois êles usam estes materiais para construir seus propiios ninhos.

Os pássaros tambem gostam que se lhes prepare uma mesa de comida — uma velha telha no alpendre, ou uma prancha lisa ligada ao tronco de uma árvore. Ponha sobre a prancha um pouco de banana, migalhas de pão, biscoito, amoras, alface, alpiste e até arroz. E é divertido contar o número de pássaros que virão alimentar-se na prancha durante o dia.

Divirta-se com os pássaros de sua redondeza, proporcionando-lhes esse meio tão simples de fazer camaradagem conosco.

O GIGANTE da MONTANHA



Era uma vez, há muito, muito tempo, um gigante que vivia no topo de uma montanha alta. Um dia ele não tinha nada que fazer e por essa razão começou a fazer artes.

Para se divertir, o gigante começou a rolar pedras no vale. Achou tão engraçado ver a gente correr, pular, e as pedras esmagarem as telhas das casas, que só parou com aquilo quando derrubou a última casa e todo o mundo já tinha fugido dalí com as suas coisas — isto é, todo o mundo menos Joãozinho e sua mãe. A choupana deles ficava tão protegida por um penhasco que, apesar dos seus esforços, o gigante não conseguia acertar nela.

Um dia Joãozinho disse :

— Mamãe, vou subir à terra do gigante para ver se descubro porque ele é tão grande e tão forte.

— Não, meu filho, não vás, implorou sua mãe. Ele vai-te matar e eu ficarei sòzinha no mundo. Não penses mais nisso.

— Mas, mamãe, disse Joãozinho, se eu não fôr, ele logo há de ver que não acertou na nossa casa e virá aqui em baixo para dar cabo de nossa vida. E' melhor que eu vá antes que isso aconteça. Hei de ser muito prudente.

Afinal, a mãe de Joãozinho consentiu e no dia seguinte bem cedinho ele começou a subir a montanha.

Joãozinho andou o dia inteiro ; só de noite chegou à casa do gigante, e tão cansado que mal podia ter-se em pé. Bateu na porta e uma mulher velha veiu abrir, mas só uma frestazinha.

— Vai-te, vai-te embora depressa ! disse ela. Se o gigante te achar aqui, ele te matará.

— Ai, minha boa senhora, disse Joãozinho, sou um menino inda pequeno e estou tão cansado que não posso mais dar um passo. Esconda-me esta noite e eu sairei de manhã bem cedo.

Nesse momento ouviram-se uns passos tão pesados que até a terra tremeu.

— Depressa, dentro do guarda-louça ! O gigante vem aí ! gritou a velhinha.

Joãozinho pulou dentro do guarda-louça e puxou a porta mesmo na última horinha, porque nisso o gigante entrou com passos largos. Abriu uma porta ao lado da casa e chamou :

— Venham, minhas lindas, venham !

Entraram doze galinhas grandes, bem brancas. O gigante fez agradinhos batendo nas costas delas e disse :

Ovos eu quero,
e do formato
de um grande zero.
Força, saude,
vêm de um bom prato.

E na mesma hora apareceram no chão doze ovos grandes.

A velhinha entrou, apanhou os ovos do chão e enxotou as galinhas para fora. Levou então os ovos para a cozinha. Logo reapareceu com um grande prato de ovos fritos, que colocou sobre a mesa. O gigante puxou a cadeira e começou a comer.

Quando o gigante acabou a sua ceia, foi para a cama. Enquanto se despia, Joãozinho ouviu-o cantarolar assim :

Ir para a cama
logo á noi'inha
fez-me gigante
de grande fama.

Ele deitou-se e logo roncava tão alto que as cascas dos ovos que estavam em cima da mesa começaram a dansar.

Joãozinho pulou, então, fora do guarda-louça e foi até a porta. Abriu-a devagarinho e correu para o quintal. Podia perfeitamente enxergar as galinhas empoleiradas, porque elas eram tão brancas. Pondo uma em baixo de cada braço, pulou a cerca e correu para sua casa.

Joãozinho chegou justamente na horinha do café. A mãe estava sentada na cadeira, chorando, porque pensava que ele tinha sido morto. Joãozinho pôs as galinhas em cima da mesa e disse :

Ovos eu quero,
e do formato
de um grande zero.
Força, saude,
vêm de um bom prato.

No mesmo instante dois ovos grandes caíram sobre a mesa.

— Agora, mamãe, disse ele, cozinhe esses ovos para o nosso café.

Assim fez a mãe, e depois de comer os ovos Joãozinho disse :

— Nunca me senti tão bem em minha vida.

E a mãe tambem disse :

— Sinto-me descansada, apesar de ter passado a noite toda em claro.

Todos os dias, depois disso, Joãozinho e sua mãe comiam um ovo fresco na hora do café e o menino fazia questão de ir para a cama bem cedo. Logo reparou que estava ficando cada dia maior e mais forte.

Um dia Joãozinho disse :

— Vou ver o gigante novamente. Quem sabe descubro outras coisas boas de comer.



Dessa vez ele estava mais alto e forte; porisso chegou à casa do gigante antes do almoço. Bateu na porta. A velhinha veiu abrir mas não o reconheceu, tanto ele tinha crescido. Não quis deixá-lo entrar, dizendo :

— Inda há pouco tempo deixei entrar um menino pequeno e ele levou duas galinhas do gigante. O patrão ficou furioso e agora não posso abrir a porta para você.

Joãozinho tirou do bolso um espelhinho de prata, que ofereceu à velhinha. Esta ficou tão contente que lhe abriu a porta. Assim que Joãozinho atravessou a soleira, eles ouviram os passos pesados do gigante.

— Depressa, depressa ! gritou a velhinha. O gigante vem vindo para jantar. Esconde-te !

Joãozinho tinha crescido tanto que não cabia mais dentro do guarda-louça ; porisso a velhinha escondeu-o num guarda-roupa.

O gigante jogou um saco grande na mesa.

— Olá, velha ! berrou ele. Apronta-me o almoço !

Quando a velhinha veiu apanhar o saco, o gigante pôs-se a cantar numa voz que fazia os pratos baterem uns nos outros :

Venham cenouras
para o jantar.
Elas nos fazem
revigorar.

Abrindo uma frestazinha da porta, Joãozinho viu a velhinha tirar uns legumes do saco e ir para a cozinha. Então um perfume tão tentador veiu de lá que Joãozinho nem podia ficar sossegado. Logo depois a velhinha pôs uma terrina enorme cheia de cenouras diante do gigante.

Ele comeu tudo, depois sentou-se na sua cadeira preguiçosa e começou a resmungar entre os dentes. Joãozinho com dificuldade percebeu as palavras :

Gente educada
come, descansa,
e não vai logo
em disparada.

O gigante ficou tão quieto que dormiu e logo ressonava tão alto que as cenouras dentro do saco pulavam. Então Joãozinho saiu do guarda-roupa e, agarrando o saco de cenouras, disparou para casa.

No dia seguinte ele disse :

— Precisamos comer no jantar algumas cenouras do gigante.

Então cantarolou a quadrinha que ouvira :

Venham cenouras
para o jantar.
Elas nos fazem
revigorar.

Prontas as cenouras, Joãozinho e a mãe sentaram-se para comer. Nunca tinham provado jantar mais delicioso. Depois disso, cada dia eles comiam ovos no café e cenouras no almoço. Joãozinho não se esquecia de ir cedo para a cama e de descansar um pouco depois de comer. Assim, crescia tanto que estava sempre precisando de roupa nova.

Algum tempo depois Joãozinho disse :

— Vou outra vez à casa do gigante.

A mãe não se opôs e, indo ao jardim, colheu rosas e lírios, os mais belos, esmagou-os e fez deles um perfume delicioso. Então pôs o perfume num vidro de cristal, para Joãozinho levar à velhinha.

Joãozinho levantou-se bem cedinho, como das outras vezes, e nem sentiu a caminhada. Chegou antes do café na casa do gigante. Bateu na porta ; a velhinha ficou aterrorizada e disse :

— O gigante foi buscar a vaca e deve voltar neste instante. Não deves entrar.

Joãozinho destapou o vidro de perfume, que ofereceu à velhinha. Esta, tendo cheirado a essência, esqueceu tudo o mais e deixou Joãozinho entrar. Mal havia ele fechado a porta, quando ouviu as passadas do gigante.

— Depressa, depressa, dentro do guarda-roupa ! gritou a velhinha.

Mas Joãozinho tinha crescido tento que não cabia mais dentro do guarda-roupa. Então escondeu-se em baixo da cama do gigante.

O gigante entrou pisando duro e puxando uma vaca. Dando um balde grande para a velhinha, disse :

Eu quero leite,
um balde cheio.
Leite bebendo,
eu me defendo,
vem a coragem,
foge o receio.

A velhinha sentou-se ao lado da vaca e *tchéc-tchéc,* foi enchendo o balde, que ficou a transbordar de leite espumoso. Então ela foi buscar umas frutas para o gigante.

Logo que a velhinha sumiu de vista, Joãozinho saiu debaixo da cama e, levando o balde à boca, bebeu, bebeu leite até não poder mais. Ao passo que bebia, ia sentindo energia correndo pelas suas veias. Por fim, disse :

— Não me vou esconder do gigante. Não tenho mais medo dele.

Segurou a corda da vaca e ordenou :

— Vamos, beleza !

Mas a vaca nem se mexeu.

Nesse instante o gigante apareceu à porta, com o rosto escorrendo agua, pois acabara de se lavar no poço. Ao ver Joãozinho, e o balde de leite pelo meio, ficou furioso.

— Então foste tu quem roubou minhas galinhas, minhas cenouras e agora queres levar minha vaca ! ele berrou, avançando para Joãozinho.

Joãozinho não teve medo algum. Eles começaram a lutar. Naturalmente, Joãozinho não tinha o tamanho do gigante, mas era mais moço e mais ligeiro. Como o gigante não tinha feito exercicios ultimamente, estava lerdo e logo ficou cansado e ofegante, ao passo que Joãozinho ainda se sentia bem disposto.

Não tardou muito e o gigante disse :

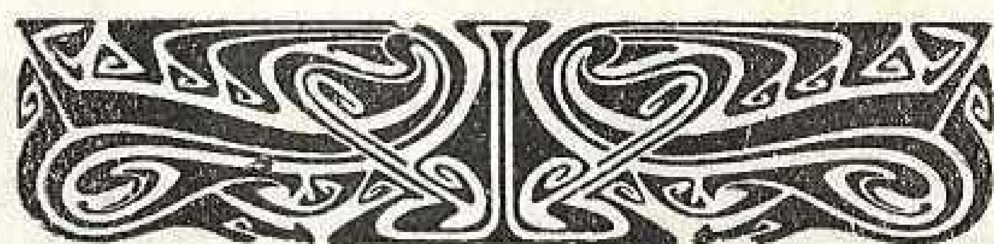
— Não posso mais lutar. Deixa-me ir embora do meu lar, onde vivi toda a minha vida.

E ele começou a chorar.

Então Joãozinho disse que ele podia ficar se descesse ao vale e apanhasse todas as pedras que tinha jogado lá. O gigante concordou. Os dois juntos desceram ao vale e o gigante achou até divertido apanhar as pedras tanto como gostara de as jogar.

Acabado esse serviço, ele teve de ajudar a pôr telhados novos nas casas, e ficou tão ocupado nisso que não teve tempo para novas artes.

Pouco a pouco o gigante e o povo fizeram tão boa amizade que se visitavam frequentemente e viveram em mútua paz. Quanto a Joãozinho e demais crianças do vale, nunca se esqueceram de comer cenouras, ovos, de beber leite tres vezes por dia e de sempre ir para a cama cedo.



Que é o dinheiro?



Dinorá veiu pulando pela rua e entrou em casa com uma moeda de mil réis, novinha, na mão.

— Veja o que D. Violeta me deu, mamãe, por eu tomar conta do Luizito ! Olhe que mil réis brilhante !

— E' mesmo, concordou a mamãe, sorrindo.

Examinando a data em baixo da moeda, a mamãe explicou :

— E' assim brilhante porque é de cunhagem nova.

Dinorá foi buscar o seu cofre, pôs dentro o mil réis novo e chocalhou o cofre para ouvir as moedas dansando e tilintando dentro. Era interessante aquele barulhinho.

Dinorá sorriu satisfeita. A maioria daquelas moedas ela mesma tinha ganho, dando recados, pondo cartas no correio, e agora tomando conta do Luizito enquanto D. Violeta ia ao dentista.

Não era facil lidar com o pequenino quando a mãe estava fóra. Dinorá teve de inventar muita coisa para divertí-lo. Mas tinha valido a pena, afinal. E a moeda bonita que recebera, então ?

— Meu cofre está ficando pesado, observou Dinorá.

Depois ela ficou pensativa.

— Mamãe, porque todo o mundo fica tão contente em ter dinheiro ? perguntou Dinorá. Porque o dinheiro é assim tão importante ?

Por seu turno a mamãe ficou séria e então falou :

— Está aí uma pergunta difícil de responder a uma menina, Dinorá. Mas vou experimentar.

A mamãe estava descascando laranjas para uma salada de frutas. Dinorá trouxe um banquinho e sentou-se aos seus pés. A mamãe começou :

— A gente fica contente em ter dinheiro porque com ele podemos comprar coisas de que precisamos. Sabe, Dinorá, Deus pôs no mundo duas espécies de coisas para nós. Há as coisas que são de graça, como o ar que respiramos, os passaros, as abelhas, as flores que nos alegram. São em grande abundancia e para todos. A gente só tem de procurá-las. Mas há tambem outras coisas que Deus fez, que podemos ganhar com o nosso trabalho ou com trocas. A comida, o algodão, seda e lã, de que são feitas nossas roupas, são algumas dessas coisas. Porisso, se eu quiser um vestido ou brinquedo que alguem trabalhou para fazer, preciso dar em troca disso algo que tenha valor. E foi assim que se começou a usar dinheiro, em vez de outro produto, por ser mais facil . . .

— Já sei, mamãe, interrrompeu Dinorá. Por exemplo, D. Violeta pagou-me com aquela moeda para eu poder comprar o que quiser. Se ela me désse balas ou um brinquedo por ter vigiado o Luizito, eu podia não ter gostado, preferindo outra coisa.

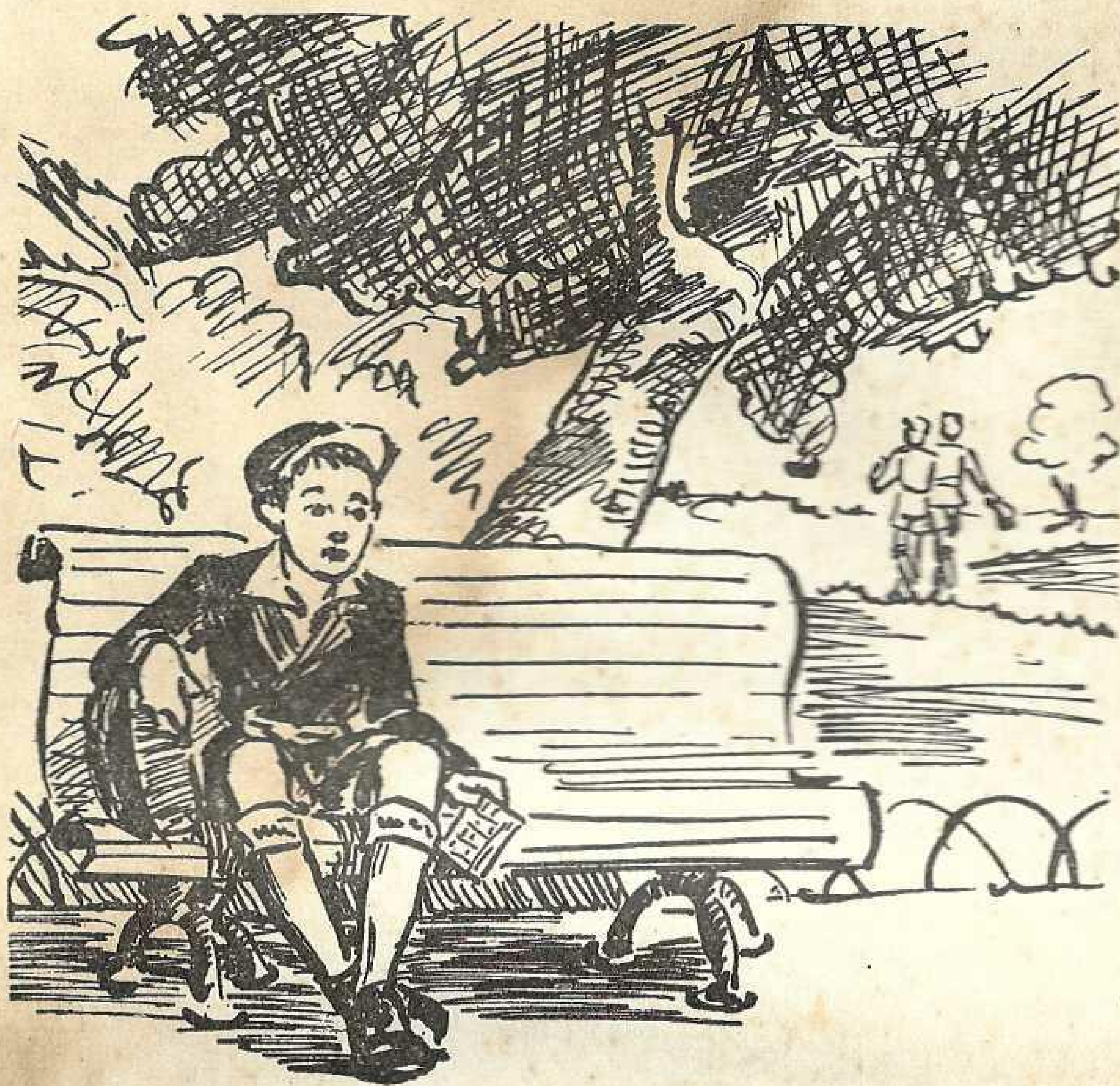
— Justamente, Dinorá, disse a mamãe. Agora veja se descobre o que é mesmo importante no dinheiro.

— Ora, deve ser como a gente o gasta, respondeu Dinorá.

— Acertou, minha filha, tornou a mamãe. Mas muita gente esquece que só tem importancia o que nós fazemos do dinheiro, e pensa que o dinheiro mesmo é que vale. E' um grande engano. Essa gente esquece que Deus fez tanto as coisas de graça como as que a gente obtem com trabalho. Eles pensam que só as coisas pagas têm valor. Que tolice, não acha ?

— E' mesmo, mamãe, respondeu Dinorá com convicção. Foi bom que Deus pôs toda a sorte de coisas no mundo.

O CANIVETE



Estevão queria muito ter um canivete. Pensava nele de dia, sonhava com êle de noite.

— Se eu tivesse um canivete, dizia êle, poderia fazer muitas coisas. Amanhã vou pedir à mamãe para me dar um no dia dos meus anos !

Mas êsse dia ainda vinha muito longe. Se êle tivesse dinheiro suficiente no seu porta-moedas ? Mas não ! Tinha gasto quasi tudo numa caixa de tintas.

Um dia quando vinha da escola viu brilhando na relva um canivete, mas que canivete ! Quatro lâminas, saca-rolhas, tesoura, chave de parafusos ; nada lhe faltava.

— E' mesmo isto que eu preciso. Que sorte, pensou Estevão.

De repente, caíu-lhe o coração aos pés : o canivete parecia mesmo o do tio. Será ? Uma mancha de ferrugem, que tinha visto no canivete do tio e que via agora neste, tirou-lhe as dúvidas.

— Que aborrecimento ! De que serve encontrar qualquer coisa para ter de a entregar logo ?!

Mas seria realmente obrigação dele entregar o canivete ao tio Bernardo, que era rico, e poderia bem pagar não um, mas duas dúzias de canivetes se assim lhe apetecesse ? O tio Bernardo estava em casa quando Estevão chegou das aulas. A questão do canivete preocupou Estevão durante o resto do dia. Por que obrigação tinha êle de entregar o canivete ? Pouco a pouco êle foi compreendendo. E'-se ladrão quando se guarda o que não nos pertence. Um canivete, mesmo muito bom, não vale uma má conciência. Ele bem sabia que não podia servir-se todos os dias daquele canivete sem remorsos. Com a garganta sêca, aproximou-se do tio. O sacrificio estava feito.

— Tio, perdeu o seu canivete ?

— Perdi ; como soubeste ?

— Encontrei-o, disse Estevão, estendendo com o melhor modo possível o canivete tão cobiçado.

— Não pensava que tornaria a encontrá-lo e comprei outro ; podes guardar êsse, meu rapaz.

Depois, vendo a alegria subitamente estampada no rosto do pequeno, disse :

— Estevão, tinhas tanto desejo de o ter e ias entregar-mo ? Procedeste bem meu rapaz!

Estevão compreendeu que a sua honestidade lhe valera não sòmente poder gozar o canivete sem remorsos mas ainda a aprovação e a confiança do tio Bernardo.

E. R. da Conceição.

A Promessa Quebrada

Quando tio Daniel voltou da sua estadia na praia, trouxe a Arnaldo um barquinho lindo, de mastros e velas brancas. Arnaldo ficou encantado e agradecia toda hora o presente ao tio Daniel. Os dois puseram o barquinho no bebedouro grande do curral, para vê-lo navegar.

— Titio ! exclamou o menino, eu sei de um lugar melhor que este para meu barco navegar. E' lá em baixo, na lagôa !

— Eu preferia que você não fosse brincar lá, respondeu o tio Daniel com seriedade. Você póde cair na lagôa.

Contudo, vendo o desapontamento do sobrinho, ele acrescentou afavelmente :

— Mas depois do almoço vamos descer e vêr como é que ele navega lá, se você prometer nunca levar o barquinho à lagoa sem estar acompanhado de seu pai.

— Prometo, sim, o menino respondeu apressado.

Depois do almoço, tio Daniel e Arnaldo divertiram-se muito fazendo o barquinho navegar na lagoa. Na hora de tio Daniel voltar para casa, na cidade, Arnaldo foi despedir-se dele à porta do automovel, segurando o seu barquinho novo.

— Não esqueça a sua promessa, lembrou o tio.

— Não ha perigo, respondeu o menino, enquanto acenava para o automovel que se ia.

Arnaldo e seu amigo Gil divertiram-se muito com o barquinho no bebedouro do curral, mas começaram a pensar em um lugar onde houvesse mais espaço.



— Vamos levá-lo à lagoa, Gil sugeriu certo dia. Só assim nós nos divertiriamos muito mais.

— Eu não posso, respondeu Arnaldo. Prometi ao tio Daniel não ir brincar lá. Ele tem medo que eu cáia nagua.

— Qual o que ! exclamou Gil. Pois nós não atiramos varinhas e pedras na lagoa quando estamos sòzinhos ? Nunca nenhum de nós caiu.

— Nenhum de nós caíu, concordou Arnaldo, mas eu prometi isso, Gil.

— Ah, venha Arnaldo ; êle deve navegar muito melhor na lagoa. Você fica só vendo. Eu posso tomar conta do barquinho, porque não prometi nada, persuadiu Gil.

— Bem, assim serve, consentiu Arnaldo. Eu só vou vê-lo brincar.

Os dois meninos desceram para a lagoa. A agua estava muito tranquila.

— Não ha nada de que ter medo, Gil disse cheio de coragem, ajoelhando-se e pondo o barco na lagoa. Veja que agua calma !

Uma brisa mansa enfunou as velas brancas e o barquinho foi navegando garbosamente pela lagoa. Os meninos pularam de alegria.

— Parece um navio de verdade em pleno oceano ! gritou Gil, entusiasmado.

Ele correu pela margem e trouxe o barco de volta, na direção contraria ao vento. Outra vez deixou que o vento o levasse. Agora Arnaldo correu pegá-lo, tendo esquecido completamente sua promessa ao tio Daniel ! Desde aí, cada menino corria por sua vez.

— Esta é a ultima viagem, Arnaldo disse, vendo que o sól mergulhava atrás do horizonte. Precisamos voltar logo para casa.

Com o pôr do sol o vento tinha mudado de rumo e o barquinho daquela vez não foi em linha reta como antes. Desviou-se e no meio do trajeto embaraçou-se num toco de arvore preso no fundo da lagoa. Os meninos tentaram desembaraçá-lo com uma vara comprida que Arnaldo encontrára no pasto. Quando a levantaram, ela escapou das mãos de Gil. Arnaldo tentou segurá-la, mas era pesada demais e caíu na agua, arrastando o menino consigo. Depois de Gil ajudá-lo a saír, os dois procuraram o barco mas não o acharam mais.

A vara caíra sobre êle e o afundara. Arnaldo desatou a chorar.

— Vamos embóra, ele disse entre soluços.

— Não chore, Arnaldo, consolou Gil. Eu vou com você e conto a sua mãe que a culpa foi minha.

Dois meninos desolados pararam à porta da cozinha, onde a mãe de Arnaldo estava preparando o jantar.

— Mas o que é isso? ela exclamou ao dar com o filho, todo ensopado. O que aconteceu?

— Eu caí na lagoa, soluçou Arnaldo.

— A culpa foi toda minha, D. Luzia, disse Gil corajosamente. Eu insisti com êle para nós levarmos o barquinho à lagoa. Ele não queria ir. O barco ficou preso em um toco e quando nós fomos desembaraçá-lo com uma vara, ela escapulíu, afundou o barco, e Arnaldo caiu tambem.

— A culpa não foi toda dele, protestou Arnaldo. Eu não devia ter feito o que ele me pedia, porque tinha prometido ao titio não levar meu barquinho à lagoa, sem o papai. Quebrei minha promessa e perdi meu barco.

D. Luzia estava muito seria.

— Gil, ela disse tranquilamente, faz mal quem persuade uma pessoa a quebrar uma promessa.

— Sim senhora, Gil respondeu. Eu nunca mais farei isso.

—Pois você está-me fazendo uma promessa, Gil. Vai cumpri-la?

— Vou cumprir, sim, ele respondeu muito serio. E D. Luzia, faça o favor de não castigar o Arnaldo.

— Creio que ele já está bem castigado, disse D. Luzia. Perdeu o barco, tão lindo, e ainda precisa contar ao Daniel como foi isso. Sei que Daniel vai ficar triste.

— E eu, então, mamãe! disse Arnaldo. Mas não merecia outra coisa. Nunca mais vou quebrar uma promessa.

— Agora despeça-se do Gil, disse D. Luzia. Você precisa trocar a roupa e aprontar-se para o jantar.

— Eu ainda posso brincar com Arnaldo? perguntou Gil.

— Claro que póde, respondeu D. Luzia.

Gil ia embora, mas parou de repente.

— Arnaldo, êle chamou, depois disso nós precisamos lembrar um ao outro a guarda de nossas promessas.

PARA OS PAIS: Animais de Estimação

Ainda que não o dissesse, D. Clarice compreendeu porque o Snr. Manoel nunca tinha cachorros para vender ao pequeno Ciro Andrade. Amigo dos animais como era, respeitava seus direitos e sempre lhes proporcionava cuidados e tratamentos adequados. Durante a visita das duas senhoras e seus filhinhos, ele observou a atitude destes para com os diversos animais na chácara, bem como a das mães para com os respectivos filhos. Ciro e Paulo estavam igualmente interessados, admirando os animais. Mas quando os dois correram atrás das galinhas, foi a mãe de Paulo, D. Clarice, quem protestou, explicando que as aves não devem ser assustadas. D. Julia não disse nada. O Snr. Manoel viu os meninos irem à mangueira. O bezerrinho estava lá junto com a mãe. Em dado momento, ouviu Paulo dizer :

— Vamos emborá. Mamãe disse que os bezerros não devem ser molestados.

— Ora, não o estamos machucando! replicou Ciro. Deixe que berre aquela vaca.

Quando eles foram correr com um perdigueiro, Paulo virou as suas orelhas, por brincadeira.

— Não faça isso, meu bem, disse logo sua mãe. Essas brincadeiras incomodam o animal e podem deixá-lo surdo.

E quando o perdigueiro, com calor e cansado da correria, olhou em volta à procura de agua, Paulo disse :

—Vamos bombar um pouco de agua para ele.

Mas Ciro replicou :

— Ora, ele não precisa de agua agora! Eu estou cansado!

O Snr. Manoel viu a diferença, não tanto nos meninos como nas duas mães. Sabia em qual dos lares um de seus queridos perdigueiros seria tratado com bondade. A criança normal ama seus bichinhos, mas não sabe instintivamente tratá-los direito. Precisa ser ensinada. Paulo estava recebendo instrução quanto aos cuidados para com os animais, ao passo que Ciro estava abandonado a seus próprios impulsos.

Nada ha que mais agrade a uma criança que ter um bichinho só seu, especialmente se não ha outras crianças na família. Alimentando-o e tratando dele por si mesmo, aprenderá valiosas lições de responsabilidade. A devoção leal disso resultante é recompensa duradoura e influência notavel para as boas ações.

G I N G O

Gingo morava no seu abrigo de pato. Ele tinha umas penas brancas e macias e os pés eram côr de laranja.

No abrigo havia uma tina com agua, onde Gingo nadava todos os d.as. Quando as crianças enchiam a tina de manhã, Gingo ficava ansioso por cair naquela agua tão fresca. Pulava dentro da tina e nadava, nadava em volta, mexendo as patas alaranjadas, mergulhando a cabeça fofa na agua, tomando uns goles dela com o bico largo, e lavando as penas sedosas.

Como ele gostava de nadar! Depois daquele banho ficava branco como leite. Então untava as penas, batia as asas e lá se ia, gingando, tomar sol.

No angico ao lado do abrigo, um casal de pardais tinha feito o seu ninho. Quando os filhotes já podiam sair do ninho, começaram a voar perto da cerca e lambiscar a comida de Gingo pelos buracos da tela. Gingo não gostava muito dos pardais. Eles eram barulhentos. Quando voavam perto do abrigo, Gingo ficava atrás de um caixotinho, até voltarem para o ninho.

Certo dia aconteceu um desastre. A porta do abrigo tinha ficado aberta.



Gingo estava passeando ao sol quando ouviu um barulho atrás. Sabe o que era? Um dos pardaizinhos tinha pulado dentro do abrigo. Nesse instante o vento fechou a porta. O pardalzinho ficou preso ali. Gingo deu um grasnado divertido. Então foi para um canto, atrás do caixotinho, e por cima dele ficou espiando o pássaro.

O pardalzinho não sabia o que fazer. Tentou voar para o ninho no angico, mas não pôde, por causa da cerca de arame e da cobertura de sapé. Começou a pular no chão, de um lado para outro do abrigo. Então deu uns pipilos aflitos. A mãe voou da arvore para acudir. Mas não podia ajudar o filhote. Ela estava do lado de fóra e não havia ninguem para abrir a porta. Gingo grasnava, a mãe do pardal chamava e o filhote piava, piava, mas não podia sair. Ele voava e batia a cabeça e as asas na tela. Queria passar pelos vãos dela, mas não podia. Então pulava no chão.

Julieta estava acordando. Da janela de seu quarto ela viu o pardalzinho debatendo-se, desesperado, contra a tela do abrigo. Viu a mãe esvoaçando por fóra, querendo acudir o filhóte. E viu tambem Gingo atrás do caixotinho.

O pato não sabia o que fazer. A mãe do pardalzinho não sabia o que fazer. O pardalzinho não sabia o que fazer.

Mas Julieta sabia o que fazer. Ela calçou depressa os sapatos, correu para o abrigo de Gingo e abriu a porta. Então, sabe, o pardalzinho voou fóra. Ele estava livre e contente. Foi logo para o seu ninho. A mãe parou de chamar e foi tambem para o ninho. Gingo saiu de trás do caixotinho e recomeçou a andar para tomar sol.

E Julieta, fechou a porta com cuidado e correu contar tudo para a mamãe.

Bem-Te-Vi



Para o quarto de banho

Escuta bem êste lembrete :
— Chafurdar no quarto de banho,
Deixar de môlho o sabonete,
Já não é para o teu tamanho.

Fechares-te no banho uma hora ou mais
Não é justo, nem se consente :
Tu tens irmãos e tem páis
E os outros também são gente.

Se te lavas, para que te enxovalhas ?
Pensa bem nesta contradição
E não deixes as toalhas
Como esfregões pelo chão.

Agostinho de Campos

●

O Sapo

Ao pobre sapo que é cheio
de amor pela terra amiga
dizem-lhe muitos que é feio
e há quem o mate e persiga.

Mas as flores ficam zangadas,
choram e dizem por fim :
— Então êle traz-nos guardadas
e depois pagam-lhe assim ?—

E vendo à noite passar
o sapo cheio de mêdo
as flores para o consolar
chamam-lhe lindo em segrêdo.

Afonso Lopes Vieira



●

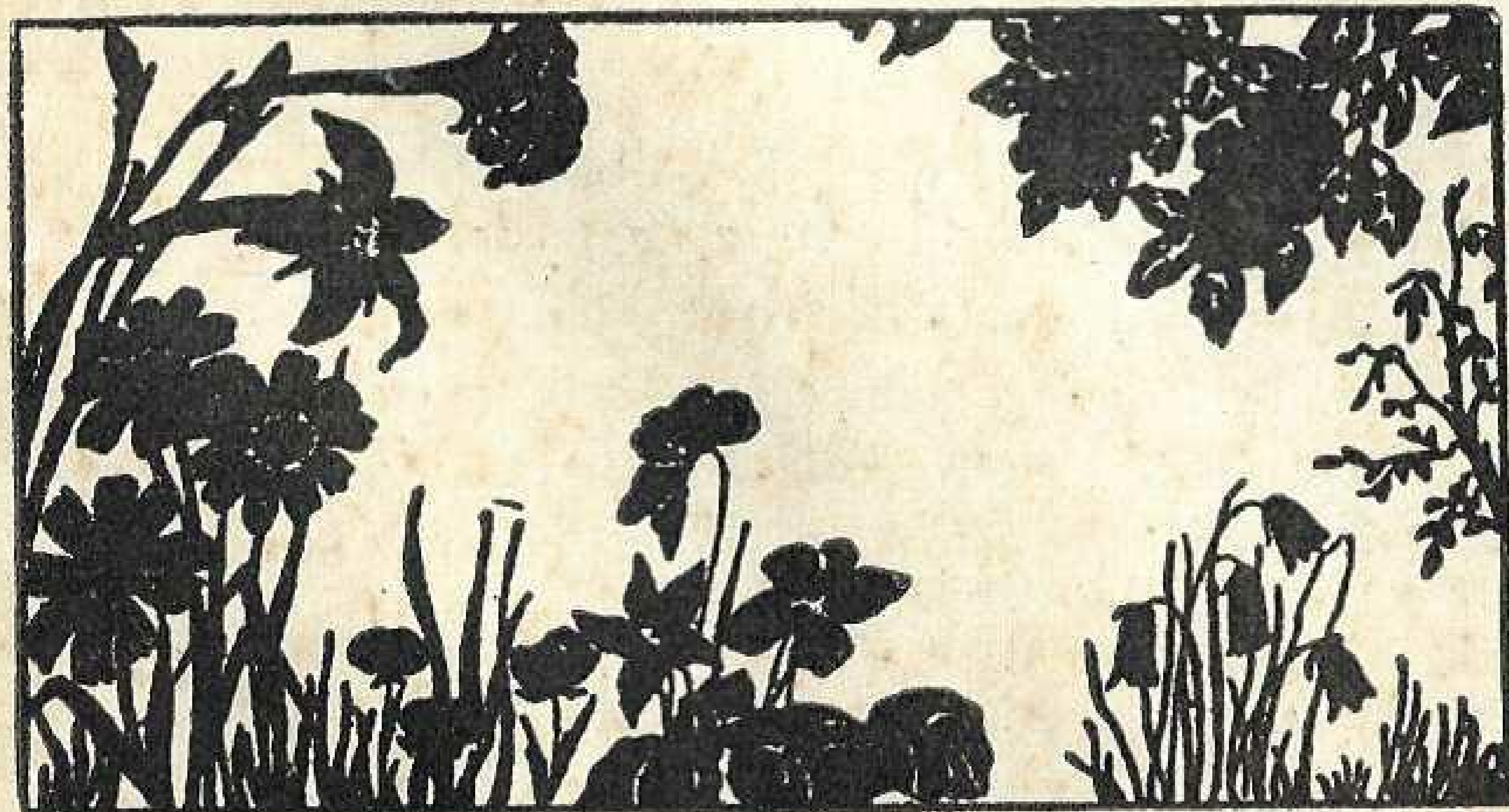
Violeta

— Com tais aromas
quem suporia
que és tão modesta
que mal assomas
á luz do dia
nesta floresta !

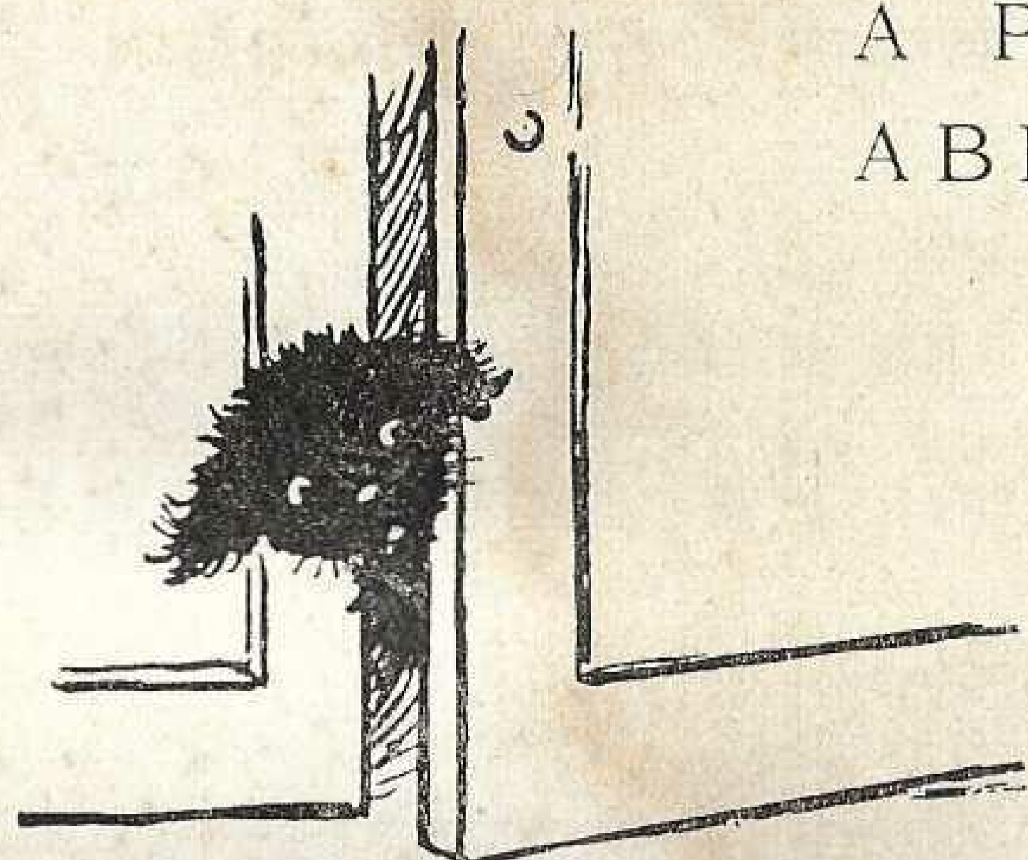
— Para que entendas
que, assim veladas,
são nossas prendas
mais estimadas.

As almas discretas
são como violetas.

João de Deus



PIRULITO E MARIMBAU



A PORTA ABERTA

— Feche a porta atrás de você, Anita, disse a mamãe. Marimbáu é levado e passa por todas as portas abertas.

— Sim, mamãe, disse Anita.

Ela fechou a porta na cara de um Marimbáu desapontado ; mas ele era tão engraçadinho, alí sentado, com a cabeça virada de lado, que ela o ergueu e abraçou. Marimbáu gostava de abraços, contanto que não fossem muito apertados. Ele ergueu o narizinho preto e lambeu o rosto de Anita.

Pirulito ficou com ciumes. Saiu correndo da almofada ao pé do fogão e veiu pôr as patinhas da frente sobre os sapatos da menina. Então latiu como para dizer :

— Eu estou aqui. Abrace-me.

Anita abraçou os dois cachorrinhos e, depois de tirar um de seus cachos macios da boca de Marimbáu, foi correndo para a escola, deixando a porta aberta. Felizmente sua mãe estava no corredor e fechou-a logo, senão Marimbáu já teria saído.

O papai naquela noite falou outra vez com Anita sobre a porta.

— Se você não tiver cuidado, acaba perdendo seus cachorrinhos, ele disse. E agora as noites são muito frias.

— Eu vou ter cuidado, papai, prometeu Anita.

Mas naquela mesma noite ela esqueceu a promessa. Marieta tinha vindo brincar com os cachorrinhos e cortar bonecas de papel. A's sete e meia ela disse :

— Agora preciso ir embora.

Anita foi até a porta com ela para se despedir. Ficaram alí um pouco, conversando. Quando Marieta descia a escada, gritou :

— Anita, venha ver a lua ! Parece uma lanterna japonêsa.

O casaco de Anita estava no porta-chapéus, no corredor. Ela tirou-o e foi até o terraço ver a lua. Mas deixou a porta aberta. Logo mais a mãe de Anita disse :

— Está ficando frio, Anita. Feche a porta.

Passados quinze minutos, Anita viu Pirulito enrolado no caixote, como um novelo marron.

— Onde está Marimbáu ? perguntou para a mãe.

— Ainda ha pouco estava aqui, disse a mamãe.

Anita foi ter com o pai, que estava lendo o jornal.

— Papai, o senhor viu Marimbáu ? perguntcu ela.

— Não, respondeu o papai.

Anita foi ficando aflita.

— Marimbáu ! Marimbáu ! ela chamou.

Mas o cãozinho preto, de patinhas brancas, não apareceu.

— Marimbáu ! Marimbáu ! gritou Anita outra vez.

Pirulito desenrolou-se e espreguiçou. Abriu muito a boca com um gemidozinho abafado e pulou fora do caixotinho.

— Marimbáu ! Marimbáu ! continuava Anita, agora em voz chorosa.

Pirulito correu para ela e levantou as patinhas da frente. Queria que ela o carregasse. Anita apertou-o num abraço.

— Onde está Marimbáu ? ela perguntou. Pirulito, onde está seu irmão ?

Pirulito bocejou. Ele não sabia onde Marimbáu estava, mas percebeu que Anita estava triste. Então lambeu o braço dela com a linguazinha côr de rosa.

Anita foi em cima e procurou em

todos os quartos. Abriu todos os armários, chamando, chamando. A mamãe começou a ajudá-la. Procurou na cozinha, em baixo do fogão, na dispensa e até no pequeno armário em baixo da pia, na copa.

O papai tambem foi procurar. Subiu ao sótão com o farolete. Chamou, chamou, mas Marimbáu não deu sinal de si. Então ele desceu ao porão e chamou — mas com o mesmo resultado.

— Se ele foi parar aí, está morrendo de medo, disse Anita, e logo me atenderá.

Eles chamaram, chamaram, mas nada. Anita não aguentou mais e caiu em prantos. Até o papai e a mamãe pareciam tristes.

— Anita, perguntou o papai, quando você foi lá fora ver a lua, fechou a porta ?

Como resposta Anita só deu um soluço sentido. O papai estava sério, a mamãe com lágrimas nos olhos ; mas nenhum disse nada. Fazia um frio terrivel e chovia, mas o papai pôs as galochas e o sobretudo para sair.

— Posso ir junto ? soluçou Anita. Ele conhece minha voz.

O papai consentiu. Assim que sairam, Anita sentiu frio, porque o vento era gelado.

— Coitadinho do Marimbáu ! disse o papai.

— Ele vai morrer de frio, soluçou Anita.

Então os dois chamaram, chamaram. Foram à esquina, gritando :

— Marimbáu ! Marimbáu !

Mas nada do cachorrinho preto, de patas brancas. Eles foram até a esquina da outra rua, deram a volta do quarteirão, mas Marimbáu não apareceu.

— Quem sabe mamãe já o achou, disse Anita.

Mas quando chegaram em casa a mamãe não sabia nada do cachorrinho.

— Já procurei em toda a parte, ela disse.

Já passava da hora de Anita deitar-se porém ela ainda estava na cozinha, sentada ao lado da almofada de Marimbáu. Tinha os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar, mas não podia parar.

A mamãe e o papai olhavam tristes para ela.

— Eu quero o Marimbáu ! soluçava Anita.

De repente a porta do pequeno armário em baixo da pia abriu-se e um focinho preto apareceu. De onde estava, Anita não podia ver. Houve um barulhinho *téc-téc* no chão, mas Anita nem ergueu a cabeça, pensando que era Pirulito.

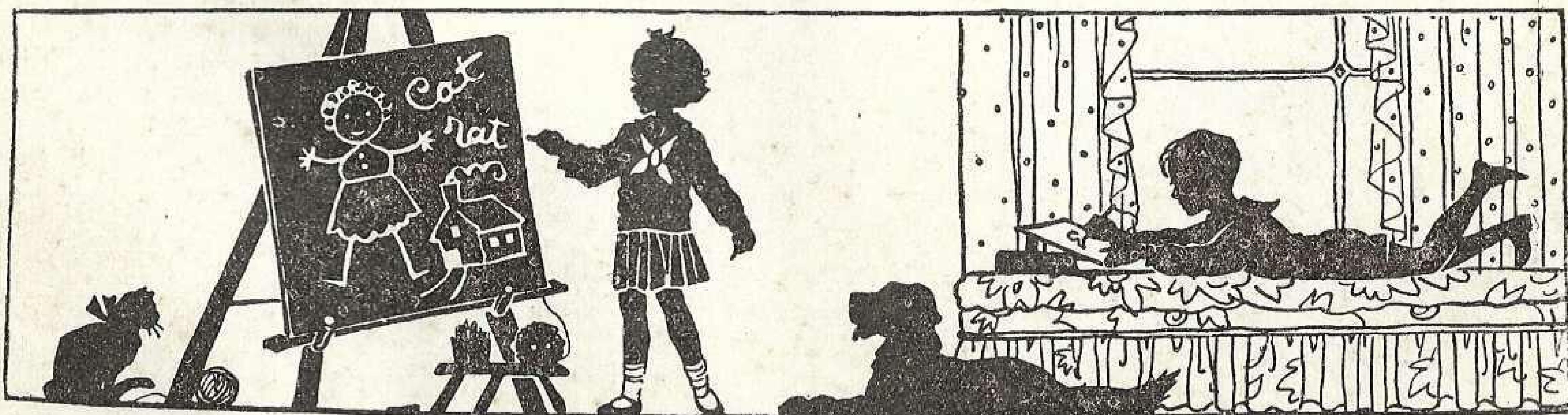
— Eu quero o Marimbáu ! chorou Anita.

Então houve uma corrinha e uma coisa pulou no colo da menina — uma coisa quente, que se torceu pedindo agrados. Uma tirinha de lingua lambeu o rosto dela. Anita ouviu um latido alegre e abriu os olhos. Alí estava o Marimbáu, querendo desculpar-se pelo susto que tinha prègado. Todo aquele tempo, tinha dormido no cantinho do armário em baixo da pia. Ele era tão preto e aquele cantinho tão escuro que quando abriram a porta ninguem o enxergou.

— Marimbáu precisa aprender a vir quando o chamam, disse a mãe de Anita.

— E eu preciso aprender a fechar a porta, replicou Anita, ainda com voz trêmula.

(*Continúa*).



O melhor partido

Regina comeu pedaço de um dos bolinhos mirrados e caiu em prantos.

— *Péf, péf, péf,* fizeram tres lagrimas sobre a mesa, as maiores que já se viu uma menina de oito anos verter.

— *Fum, fum, fum!* fez o nariz de Regina, e com razão, porque o cheiro dos bolinhos era bom.

Mas o gosto era um desastre!

— *Cuic!* fez a porta da cozinha, como para dizer "Ora viva!"

Entrou Mercedes, a irmã grande de Regina.

— O que foi isso? perguntou Mercedes. Hum! Hum! Sinto cheiro de bolinhos!

De fato, sobre a mesa da cozinha havia um prato cheio de uns bolinhos exquisitos.

Regina foi correndo esconder o rosto no avental de Mercedes e contou-lhe tudo.

— Eu estava fazendo os bolinhos para o aniversario de papai, Regina explicou, mas êles têm um gosto horrivel!

Erguendo então o rosto molhado, agarrou o prato da mesa.

— Vou jogá-los no lixo! exclamou. Não conte para ninguem o que aconteceu, Mercedes.

Regina esperava que a irmã limpasse suas lágrimas com beijos. Mas Mercedes estava muda. A pequena arriscou um olhar. Mercedes estava de cara fechada!

— Eu fico admirada, disse Mercedes. O que diria o papai se ouvisse o que você está dizendo?

— Ele quer que eu seja boa cozinheira, balbuciou Regina.

Mercedes abraçou a irmãzinha.

— Meu bem, disse com brandura, nós todos ficariamos muito mais satisfeitos se você aprendesse a tirar o melhor partido das coisas de que se ficasse cozinheira de truz.

Regina arregalou os olhos.

— Papai, tambem? ela perguntou.

— Papai, tambem.

— Ora veja, disse Regina, arrependida do seu arrebatamento. Se você quisesse ensinar-me a ter bom humor, Mercedes...

— Pois não, concordou Mercedes. Primeiro traga todas as coisas que precisa: a coalhada, o assucar, a farinha, o fermento...

— Fermento! repetiu Regina. Eu me esqueci de pôr fermento! Será que foi porisso que os bolinhos...

— Foi, sim, disse Mercedes, rindo. Mas desta vez tudo vai sair certo. Não, Regina! Não jogue fóra esses bolinhos. Nós vamos precisar deles tambem.

— Deles?

Mercedes assentiu com a cabeça.

— Para provar que você é bem humorada e boa cozinheira.

E acrescentou misteriosamente:

— Agora vá buscar umas passas para os olhos...

— Olhos? interrogou Regina, escancarando os seus.

Mercedes só abaixou a cabeça e sorriu.

Que manhã agitada foi aquela!

As meninas tiraram os ingredientes do armario, misturaram e bateram tudo muito bem. De tarde, aprontaram-se para o jantar de aniversario.

Quando o papai sentou-se à mesa aquela tarde, perto da mamãe, achou no seu lugar dois pratos de bolinhos. Então reparou melhor neles. Num dos pratos estavam os bolinhos da primeira fornada. Mas que engraçados! Duas passas em cima deles formavam os olhos e duas gotas de coberto branco representavam lagrimas escorregando.



Um traço com geléia de morango fazia uma boca de chôro ; fiapos de casca de côco, em volta, os cabelos.

Eram os bolinhos mirrados que não tinham levado fermento. Ao lado do prato havia um cartão que dizia :

Pranto e lamento
— que triste sina ! —
Não pôs fermento
Nossa Regina.

O papai experimentou um pedaço de um dos bolinhos e fez caretas. Todos riram.

Mas o segundo prato, como era diferente ! Que rapaziada alegre ! Não havia lagrimas escorregando dos olhos de passas e o traço da boca abria-se num sorriso alegre. O papai ergueu um cartão ao lado dêsse prato, que dizia :

Agora estamos
bem a contento.
Viva a Regina
mais o Fermento !

Todo o mundo deu boas risadas, até a Regina. E sabe o que o papai fez ? Primeiro, experimentou um bolinho. Que delicia ! Logo o prato estava vazio. Então êle deu um beijo. . .

Você pode adivinhar em quem ?

O amor faz nascer a bondade

Numa linda manhã, Andrezinho acordou com uma sensação exquisita numa das faces. Pulou da cama e correu ao espelho. Ficou então pasmo. Do lado esquerdo do rosto parecia ter uma batata entalada em baixo do queixo. Estava com cachumba e assim não podia ir à escola. Como o Andrezinho ficou aborrecido !

Tres anos a fio ele não tinha dado nenhuma falta no grupo. Dentro de dois mêses viriam as férias de Dezembro. No último dia de aulas o diretor ia ler os nomes dos alunos que não tinham faltado o ano todo e dar-lhes um premio. Andrezinho pensou com tristeza que seu nome não figuraria na lista. Ele não ia ser do grupo orgulhoso de meninos que ia ficar em pé, na frente da sala — e tudo por causa daquela cachumba, que o prenderia em casa por duas semanas.

A verdade é que não se sentia doente. O rosto só doía mesmo quando virava ou abaixava a cabeça. Andrezinho vestiu-se devagar e desceu a escada. Ouviu então a prosa animada da mãe e do pai, na sala de jantar. Mas hoje ele não ia entrar correndo na sala e exclamar "Bom dia !" Parou à porta. A mamãe ergueu os olhos primeiro.



— Andrezinho ! ela disse. Isso deve ser cachumba !

Andrezinho baixou a cabeça e apertou forte os dentes para não chorar. O papai olhou para Andrezinho e depois para a mamãe.

— Então você não pode ir ? perguntou o papai à mamãe, com ansiedade.

— Não, respondeu a mamãe. Uma vez que Andrezinho está com cachumba, não irei.

Só então Andrezinho lembrou-se da combinação que a mãe e o pai tinham feito, de irem passear na cidade vizinha. Ele sabia que a mamãe queria muito ir. Que atrapalhação aquela cachumba !

Depois que o pai saiu, Andrezinho viu a mãe desarrumar a mala e pendurar no guarda-roupa os bonitos vestidos. Depois ela saiu devagar do quarto. Andrezinho recordou-se de ouvir a mãe dizer à tia Sofia : "Tomára que no ultimo instante não aconteça alguma coisa que estrague os meus planos".

Pois essa coisa tinha acontecido. A' janela de sua casa, Andrezinho olhava as crianças que iam para a escola. Que tristeza perder o premio de assiduidade, bem no fim do ano ! Além disso, tinha de ficar em casa, sem um companheiro para brincar. Estava bem desanimado da vida.

Quando descia a escada, ouviu a mãe que dizia ao telefone para tia Sofia :

— Fiquei bem desapontada, mas não podia ir e deixar Andrezinho. Não é nada de grave, mas ele precisa de quem o alegre um pouco.

Pobre mamãe ! Andrezinho pensou que ela estaria chorando se fosse uma menina.

Então se sentou no ultimo degrau e ficou meditando sobre a coisa. Se a mamãe tinha ficado em casa para o alegrar, seria sem propósito ele continuar aborrecido. Nisso, teve um pensamento que o fez sorrir. Havia de mostrar quem é que podia mais — se uma idéia boa ou a cachumba.

Foi para cima buscar o livro novo. Podia ser que a mamãe gostasse de ouvir uma historia. E ela ficou mesmo satisfeita quando ele lhe perguntou isso.

Andrezinho e a mamãe passaram um dia muito agradavel. Depois da historia, Andrezinho ajudou a mãe a descascar pêssegos. Então, separou os botões brancos dos botões pretos. Em seguida, cortou de umas revistas os mais bonitos vestidos e automoveis para a mamãe. E assim os dois divertiram-se bem.

Quando chegou a hora de se deitar, Andrezinho pensou como o dia tinha passado depressa. Ele sentou-se na cama e sorriu para a mamãe. Era um sorriso meio torto, mas feliz.

— Mamãe, a senhora achou muita falta no papai ? ele perguntou.

— Não, meu bem, respondeu rindo a mamãe. Eu tive um companheirozinho tão agradavel o dia todo !

Andrezinho pensou um pouco e depois disse :

— Nós somos mesmo parecidos, não, mamãe ? Os dois estavamos tristes, tinhamos de ficar em casa e de nos alegrar um ao outro. A unica diferença é que eu tenho cachumba.

E ao dizer isso, Andrezinho desatou uma risada e puxou as cobertas.



Mais dificil do que dizer a justa palavra no justo lugar, é deixar de dizer a injusta palavra no momento da tentação.

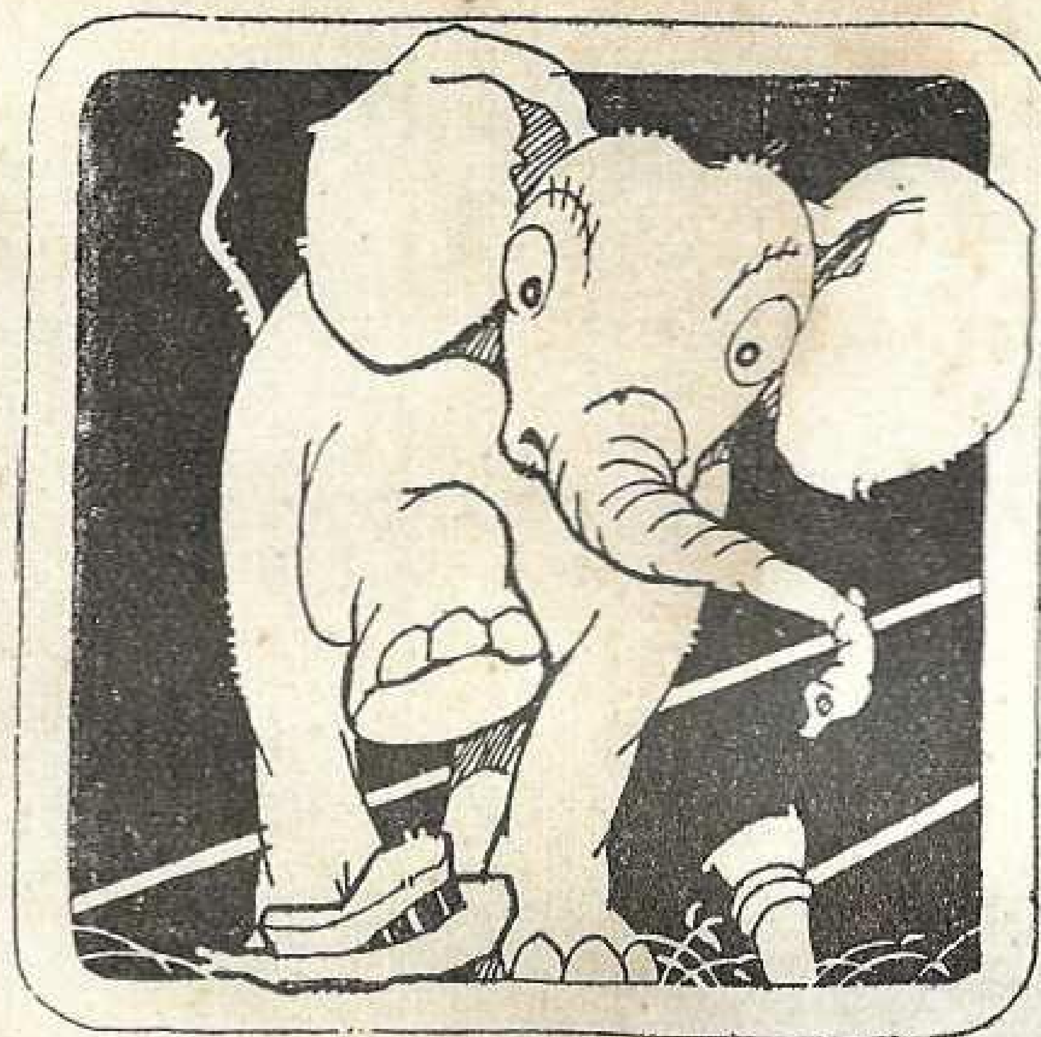
A santidade revela-se mais nas pequenas coisas da vida do que nos grandes e brilhantes feitos que nos são exigidos.

Aquele que, quando pode, não quer, não poderá quando quiser.

Nunca digas o que não quererias que Deus ouvisse.

Não deixes para amanhã o sorriso que podes dar hoje.

Dona Elefanta



D. Elefanta, no Jardim Zoologico, trombeteava alegremente. Era um lindo dia de sol, e ela brincava ajuntando pó na tromba, à espera de que uma mosca pousasse nas suas costas. Ela havia de ensinar D. Mosca!

Tinha chovido ininterruptamente por duas semanas a fio, e D. Elefanta estivera trancada no abrigo dos bichos, fazendo pouco exercicio e passando quasi sem diversões. Mas nêsse dia aspirava com delicia o ar fresco e embalsamado, sob um sol quente e radioso.

Néco, o zelador do jardim, passando a caminho da jaula dos leões, parou para um apressado *"alô!"* Ao se afastar, deixou cair um osso grande. D. Elefanta, muito depressa, antes que o osso atraisse algum cão, agarrou-o com a tromba e foi escondê-lo no meio da sua pilha de feno. D. Elefanta não gostava de cães.

De repente ela trombetou com alegria. Talvez o Roberto, aquele menino bonzinho, lhe trouxesse algumas cenouras nêsse dia. Havia já tanto tempo que ela não comia cenouras, que quasi esquecera o seu gosto; mas era só *quasi*, porque, como todos sabem, os elefantes nunca esquecem.

De fáto, logo depois D. Elefanta viu seu amiguinho Roberto correndo e saltando pelo passeio. Porém o beiço inferior de D. Elefanta começou a tremer, e sua tromba abaixou-se, murcha. Ao lado do menino, latindo e pulando, vinha um cãozinho branco e preto. D. Elefanta ficou muito triste; gostava tanto de Roberto, quando êle vinha *sòzinho*. Era o melhor dos meninos que vinham vê-la; trazia-lhe sempre cenouras, amendoins, melancia ou doces.

E foi com um olhar tristonho que recebeu Roberto, quando êle lhe ofereceu uma bola doce feita de pipoca. O cão fungou desconfiado para o animal e saiu correndo a latir para os ursos nas jaulas enormes.

— Esse é o meu cachorro novo e chama-se Don Quixote. Ganhei-o no Natal, explicou Roberto para a sua velha amiga. Espero que você goste dêle.

D. Elefanta foi mastigando a sua bola de pipocas, satisfeita porque o cão se fôra. Bastaria apenas atirar-lhe um pedaço de pau, se êle tentasse atrapalhar os momentos agradaveis que costumava passar com o menino.

Roberto tinha trazido a sua bola grande, listada, e êles começaram um jogo que tinham inventado tempos antes. Roberto atirava a bola e D. Elefanta procurava equilibrá-la na ponta da sua tromba. Quando errava, ela atirava ou chutava a bola para Roberto. Este ia marcando os pontos no chão, com a ponta de uma vara. Quando D. Elefanta conseguia equilibrar a bola, o ponto era dela; mas quando falhava, era Roberto quem ganhava.

De repente, no meio do jogo, D. Elefanta gritou, angustiada. Recuou, puxando freneticamente a corrente que lhe prendia a perna esquerda. Um minúsculo camondongo do campo tinha saido da terra e estava olhando atrevidamente para ela. Parece ridiculo dizer que a enorme D. Elefanta ficou com medo de um camondonguinho, mas todos os elefantes têm medo de ratos, porque pensam que vão subir pela sua tromba.

Roberto não viu o camondongo e não podia compreender o que tinha acontecido para D. Elefanta ficar daquele jeito. Porém Don Quixote, cansado de latir para os ursos, tinha voltado para perto do seu dono. E êle logo compreendeu o que tinha assustado a pobre D. Elefanta. Perseguiu o camondongo até êle se enfiar dentro da toca de onde tinha saido. Correu tanto e latiu tão alto que o camondongo resolveu mudar-se com sua familia para um lugar mais seguro.

D. Elefanta, que acompanhou a perseguição ansiosamente, convenceu-se de que, afinal de contas, ela gostava de cães. Quando Don Quixote voltou da sua caçada, marchando com importancia, D. Elefanta trombeteou-lhe a sua gratidão. Então, como o elefante nunca esquece, ela meteu a tromba na pilha de feno e retirou dela um osso grande, que ofereceu a Don Quixote!

O Passeio de Esmeralda

Num sabado de Julho, bem cedo, a carroça do Snr. Chiquito Silva desceu a estrada do morro e parou diante da casa da avó de Esmeralda. A menina estava lavando o rosto, antes do café. Deu tres rápidos esfregões de toalha e correu a abrir a porta, pois sabia, pelo barulho da carroça, que era tio Chiquito quem tinha chegado.

Ele entrou esfregando as mãos geladas, cujas unhas estavam arroxeadas pelo frio.

— Venha esquentar-se perto do fogo, Chiquito, disse a vovó. Ainda não tomámos o café. Chegou na horinha mesmo.

— Mas eu já tomei há muito tempo, disse o Snr. Chiquito.

Mas ele estava aspirando com delicia o perfume que vinha da cafeteira, a um lado do fogão. Nesse instante a vovó abriu o forno com cuidado, deixando entrever um bolo de fubá, dourado.

— Vá-se abancando à mesa, ordenou ela ao velho amigo. Esmeralda e eu vamos tomar café e você pode lambiscar um pouco para nos fazer companhia.

— Fique para o café, tio Chiquito! implorou Esmeralda.

— Pois se é assim, eu fico, concordou o Snr. Chiquito, hesitante ; mas não estou nada com fome.

A vovó arranjou para ele uma chicara de café forte, como gostava. Esmeralda passou-lhe requeijão e melado para comer com o bolo de fubá. Ao passo que comia, tio Chiquito ia contando porque tinha portado ali aquela manhã. Ele estava de ida para Carangola, com uma carga de paina, e podia comprar alguma coisa que precisassem.

— Lá na cidade tudo é mais barato do que na loja do Salim, disse ele. O Salim tem de carregar no preço por causa do carreto morro acima.

A vovó considerou :

— Esmeralda está precisando de sapatos. Guardei vinte e cinco mil réis para uns da loja do Salim. Quem sabe saia mais barato se você os comprasse em Carangola.

— Pois é só mandar, disse o Snr. Chiquito.

Estava-lhe voltando o apetite. Era a terceira fatia de bolo que comia. Esmeralda passou-lhe o boião de melado. A vovó aprontou outra chicara de café.

— Mas não vai dar muito trabalho? perguntou-lhe a vovó. Você está sempre prestando favores à gente. Eu não quero abusar.

— Qual trabalho, qual nada! declarou o Snr. Chiquito. A senhora me dá o número do sapato de Esmeralda e por volta das quatro horas o par novo está aqui.

Foi então que surgiu o maior problema. Nem a vovó nem Esmeralda sabiam o número! Suas botinas velhas ela trouxera de casa, quando tinha vindo do outro lado da serra morar com a vovó para poder frequentar o colegio.

Chico Silva olhou de revés para as botinas velhas de Esmeralda.

— Pode ser que eu acerte, disse ele, duvidoso.

Mas teve idéia melhor.

— Já sei! exclamou vivamente. A Esmeralda vem comigo. Não falta lugar no banco da frente. Assim ela experimenta os sapatos e pronto!

— Deixe-me ir, vovó! suplicou Esmeralda.

Ela estava encantada com a idéia de ir à cidade. Nunca tinha estado em Carangola, mas já a conhecia de fama. Era uma cidade grande, com muitas lojas e casas bonitas, atravessada ao meio por uma linha de trem. Esmeralda ainda nunca tinha visto uma casa pintada e nem um trem, em toda a sua vida. Imagine que delicia ir para lá, e com o tio Chiquito! Vendo a ansiedade da neta, a vovó consentiu no passeio e foi logo dando ordens :

— Ponha o vestido azul, Esmeralda, o casaquinho e boina de crochet.

Os dois ultimos artigos a vovó mesma fizera para ela usar aos domingos e fe-

riados — mas agora era tambem uma ocasião especial.

Enquanto Esmeralda se aprontava, o Snr. Chiquito foi dar agua à mula e a vovó embrulhou uma merenda, que pôs na cestinha de a neta levar à escola. Era bonita aquela cesta, de vime trançado, com fecho e alça bem fortes.

Na hora da partida, a vovó deu a Esmeralda os vinte e cinco mil réis para os sapatos.

— Pode ser que encontre mais baratos, ela explicou ; mas por via das dúvidas leve isto. Se sobrar dinheiro, pode comprar alguma coisa de seu gosto; mas não esperdice dinheiro !

— Muito obrigada, vovó. A senhora é tão boa !

Esmeralda abraçou a avó, subiu à carroça e foi dizendo adeus.

— Vamos, Beleza !

O Snr. Chiquito agitou as rédeas. A carroça começou a descer o morro aos solavancos.

— Segure-se bem, Esmeralda, avisou o Snr. Chiquito. Agarre com uma das mãos o braço de ferro do banco e passe o outro braço no meu, até descermos essa rampa.

Mas Esmeralda não se importava com o caminho esburacado. Nem notava nos trancos que levava. Estava é satisfeitissima da vida. O sol ergueu-se sobre o pico mais alto da Serra Crioula e emprestou um resplendor dourado às suas encostas verdes, trazendo ainda conforto aos corações. Esmeralda curvou-se toda para que seus raios lhe esquentassem as costas e fizessem parar aqueles arrepios que corriam pela espinha.

Ela percebeu quando iam-se aproximando da cidade. A estrada estava muito usada, cheia de sulcos. Beirava agora um vale, salpicado de casas de cores diversas. As poucas mulheres pelas quais passaram na estrada não traziam panos na cabeça, mas usavam guarda-chuvas e estavam vestidas como se fosse domingo.

Era interessante percorrer as ruas tão cheias de casas, todas coladas umas às outras.

Chico Silva parou diante de algumas delas. Esmeralda ficou na carroça enquanto êle ia perguntar se queriam comprar paina. Tinha sorte : quasi sempre fazia negócio. Lá pela hora do almoço a carroça estava vazia.

— Agora vamos ver os seus sapatos, disse Chico Silva.

Eles foram a uma loja. Um caixeiro veiu atender a Esmeralda. Mas o unico par que servia custava muito caro — trinta mil réis !

— Não faz mal, disse o Snr. Chiquito ; vamos à loja onde eu compro riscados. Lá a gente aguenta os preços.

Naquela loja, sobre o balcão e em prateleiras, enfileiravam-se duzias de pares de calçado, desde botas de couro crú até sapatinhos de nené.

— Estamos fazendo uma liquidação formidavel de calçados, explicou o dono da loja, um homem gordo e simpático. E' só ver e escolher. Os preços são ínfimos, abaixo do custo.

Esmeralda logo achou o calçado que lhe servia — umas botinhas lindas, bem pretas e brilhantes. Acariciou-as com um olhar demorado, receosa de perguntar o preço. Podia ser maior do que o dinheiro que amarrara forte a uma ponta do lenço.

Parece que o Snr. Chiquito leu seus pensamentos.

— Quanto custa ? perguntou por ela.

O homem gordo relanceou os olhos pela sola e respondeu :



— Isto é uma pechincha, o ultimo saldo. Custa agora quinze mil réis. O preço antigo era trinta.

Esmeralda suspirou profundamente e apertou as botinhas contra o peito. Ela podia comprá-las! E ainda lhe sobrariam dez mil réis, para gastar no que quisesse. Assim tinha dito a vovó. Que dinheirão! O que iria comprar? Um vestido novo? Um chapéu bonito para usar aos domingos? Isso seria bom. Mas então teve outra idéia. Ela ia comprar uma surpresa para a vovó, que tão bondosamente tinha feito seu casaco, sua boina, e economizado o dinheiro para seus sapatos. Isso tinha levado tempo — um niquel hoje, outro amanhã, guardados dentro de uma cúia, em cima do armário. A vovó tambem estava precisando de sapatos novos. Comprar-lhe-ia um par, se fosse possivel. Ela consultou o tio Chiquito. Chegaria o dinheiro? O Snr. Chiquito consultou o dono da loja. Este foi mexendo no mostruário, pegando este e aquele par.

— Que numero quer? perguntou.

Grande foi a consternação de Esmeralda. Não tinha a menor idéia do número que a vovó usava. Agora o problema era mais grave do que aquele na hora do café. Que fazer?

Chico Silva teve uma idéia luminosa — como a outra, de manhã.

— O numero dela é trinta e sete, declarou; o mesmo da minha velha. Sei disso porque Ana e ela emprestavam uma à outra o calçado durante as semanas de conferencias na igreja.

O homem foi procurando um sapato dêsse numero, por dez mil réis. Já parecia meio desanimado e Esmeralda tambem. Mas de repente exclamou alegre:

— Pronto! Achei a coisa mesmo! Uns sapatos de senhora, salvos da última queima — em perfeito estado! E só por dez mil réis — um precinho para ficar freguês!

Esmeralda pagou os sapatos com o resto do dinheiro. Não lhe sobrou nem um tostão para comprar outra coisa para ela; mas que importava isso? Tinha ganho umas botinhas novas, tinha passeado na carroça de tio Chiquito e ainda ia levar um presente para a avó. Não precisava de nada mais para se sentir feliz.

Petiscos para os Bem-Te-Vistas

FERMENTO INGLÊS

250 grms. de crêmor de tártaro.
125 grms. de bicarbonato de sódio.
125 grms. de maizena ou polvilho.
Peneire tudo junto, 5 ou 6 vezes.



GELATINA DE TOMATE COM CAMARÃO

10 folhas de gelatina.
1/4 de copo de agua fria.
1 1/2 copos de suco de tomate quente.
1 colher de sopa de caldo de limão, ou vinagre brando.
1/2 colher de chá de sal.
1 colher de sopa de suco de cebôla.
1/2 copo de salsão picado.
1 copo de camarão refogado e desfiado.

Dissolva a gelatina na agua e acrescente o suco de tomate, mexendo até dissolver bem. Acrescente os temperos e deixe esfriar. Quando começar a engrossar, ponha o camarão e o salsão. Misture bem, despeje em forminhas passadas em agua fria e ponha para gelar.

Na hora de servir, tire das formas e enfeite o prato com alface e maionese.



1) Completar : *Ensina-nos a contar os nossos dias . . . .* ?
2) Que pólo é coberto de agua—o Norte ou o Sul ?
3) Que porto mexicano é famoso pela exportação de petroleo ?
4) Quem era o flecheiro mais famoso da guerra de Tróia ?
5) Qual é a "Cidade Eterna" ?
6) Quais são os tres países já honrados com o titulo : *A dona dos mares* ?
7) Qual o país que tem a maior população e qual o que tem a menor ?
8) Quantas pessoas estavam dentro da Arca de Noé ?
9) Entre que anos se deu a Conflagração Mundial ?
10) Que gaz que os animais exalam é utilizado pelas plantas ?
11) Que aconteceu no dia 11 do mês 11 de 1918 ?
12) Quem aboliu as rótulas das janelas no Brasil ?
13) Que famoso cartaginês e seu filho foram grandes generais ?
14) Quem inventou o fonógrafo ?
15) Quem é o ditador da Alemanha ?

Respostas ás perguntas de Outubro :

1) *Mas quem as confessa e abandona, alcançará misericordia.*
2) Dias mais compridos e raios mais diretos.
3) O calcanhar.
4) França. Austria.
5) Desde 1499.
6) E'sopo.
7) José.
8) Diogo Rodriguez da Silva e Velasquez.
9) Santa Maria, Pinta e Nina.
10) Helen Keller.
11) No dia 12 de Outubro de 1492.
12) Um barracão para abrigar os aeroplanos.
13) Wilhelm Hohenzollern.
14) David Livingstone.
15) Que pode ser dirigido.

A CHUVA

Jessie L. Gaynor

1. Ti - que - téc — ti - que - téc, vão ca - in - do as go - tas,
2. Ti - que - téc — ti - que - téc, vão ca - in - do as go - tas,

Sempre staccato

na vi - dra - ça es-cor-re a chu - va sem pa - rar Ti - que-téc—ti - que-téc
que can - tan - do re - gam o quin - tal p'ra mim. Ti - que-téc—ti - que-téc,

e - las vão di - zen - do: "Ve - jam co - mo nós sa - be - mos bem re - gar".
que per - fu - me do - ce sái das flo - res, sái da gra - ma do jar - dim.

Ti-que-téc—ti-que-téc, tic - tic - téc, ti - que-téc, ti - que - téc, tic - tic - téc.
Ti-que-téc—ti-que-téc, tic - tic - téc, ti - que-téc, ti - que - téc, tic - tic - téc